

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE SE TRABALHAR COM A LEITURA E A ESCRITA A PARTIR DO ENSINO REMOTO

Cristiane Dias Martins da Costa¹
José Carlos Aragão Silva²
Alex de Sousa Lima³

RESUMO

O presente trabalho é resultado da experiência de residentes do Programa Residência Pedagógica através do Subprojeto “Letrar: letras e números” da Universidade Federal do Maranhão, Campus Codó. As atividades aconteceram no formato remoto durante o ano de 2021 em duas escolas públicas do município. A primeira experiência do “Projeto Letrar: letras e números”, ocorreu no ano de 2015 em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, envolvendo nove escolas do bairro Codó Novo e 468 alunos do 5º ano. Naquele ano foram diagnosticados 83 estudantes não alfabetizados nas escolas escopo do projeto. Em 2016 o Projeto Letrar desenvolveu suas atividades em seis escolas do referido bairro, atendendo 544 alunos do 4º ano. No primeiro diagnóstico realizado em 2016 foram encontrados 175 estudantes do quarto ano que ainda não sabiam ler e escrever. Em 2017 a parceria com a Secretaria Municipal de Educação já havia terminado e o projeto funcionou apenas na escola municipal Rosalina Zaidan com uma bolsista cedida pelo Foco Acadêmico da UFMA. No ano seguinte o projeto foi contemplado pelo edital da Capes, através do Programa Residência Pedagógica, atingindo três escolas municipais de Codó: Escola São Luís, Escola Rosalina Zaidan e Escola Rosângela Moura. Com o início da pandemia no Novo Coronavírus, em 2020, o projeto enfrentou o desafio de adaptar suas atividades no formato remoto atendendo a Escola Municipal José Alves Torres e a Unidade Escolar Pica Pau. O objetivo do projeto, no entanto, não foi alterado, que é desenvolver competências da leitura e da escrita na perspectiva de alfabetizar letrando através de jogos, brincadeiras e a literatura infantil. Partindo dessa perspectiva, a pesquisa se fundamentou na concepção de Magda Soares de se trabalhar a leitura e escrita a partir dos seus usos sociais, noutros termos isso significa alfabetizar letrando. A investigação se pautou na abordagem qualitativa ao se preocupar com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014). A metodologia aplicada foi organizada em momentos distintos: a) estudo bibliográfico sobre os temas que envolvem alfabetização e letramento; b) acompanhamento das atividades realizadas pelos residentes; c) verificação das estratégias utilizadas para se alfabetizar letrando a partir do lúdico. Essa experiência pesquisa contou com a participação de dezesseis bolsistas e quatro voluntários que atendiam individualmente, duas vezes por semana, no formato remoto, crianças não alfabetizadas do quarto e quinto ano das escolas participantes do programa. Importa mencionar que esse trabalho pautou-se também na leitura e na escrita como elementos de uma prática social, cujo contexto em que elas se realizam deve ser analisado e compreendido nas suas diversas variações nos diferentes espaços, eventos e práticas de letramento (CASTANHEIRA, 2004). Noutros termos, trabalhamos no sentido de valorizar os conhecimentos prévios dos alunos e utilizá-los como ferramenta no espaço escola ao considerar que todo discente sempre possuirá conhecimentos anteriores à escola, como confirmado por Freire ao

¹Doutora em Educação pela UFMG, Docente da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, cristiane.dmc@ufma.br;

² Doutor em História pela UnB, Docente da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, jose.aragao@ufma.br

³ Doutor em Geografia pela UFMG, Docente da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, alex.lima@ufma.br;



afirmar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. As atividades lúdicas se realizaram a partir dos jogos, das brincadeiras da literatura infantil. Segundo Kishimoto (1997) a brincadeira/jogo é instrumento de grande importância para aprendizagem, pois a criança aprende de maneira espontânea, assim como compreende-se que a literatura infantil é fundamental para a educação das crianças, tendo em vista que ela estimula a leitura através do atrativo e do belo, promovendo mudanças de comportamento, ao mesmo tempo que mexe com as fantasias, emoções e intelecto, influencia em todos os aspectos da educação do aluno (COELHO, 1986). Vale ressaltar que o grande desafio dessa experiência foi a necessidade de adaptação das atividades presenciais para atividades remotas durante o distanciamento social causado pela COVID-19. Diante desse contexto, vários obstáculos foram apresentados à equipe, a começar pela seleção dos alunos que participariam das atividades remotas do projeto, pois a maior parte dos alunos das escolas participantes não possuíam internet e compartilhavam um único celular para todos os membros da família. Após a seleção das crianças e passado um mês de atendimento, apenas seis residentes conseguiram fazer o acompanhamento regular das crianças, sendo necessário a estratégia de elaboração de vídeo-aulas para realizar atividades com os estudantes que estavam tendo problemas para participar das aulas síncronas. Apesar dos desafios, o projeto tem possibilitado aos participantes adquirirem novas habilidades ou adaptarem as que já possuíam ao precisarem fazer uso da tecnologia no planejamento das aulas. Os aplicativos/recursos mais utilizados foram Kinemaster, In shot, Play games, Power-point, Active presente, Word wall, Jamboard dentre outras. As principais atividades foram caça-palavras, cruzadinhas, advinhas, *Quiz*, parlenda, jogos de trilhas e as contações de histórias. Vencidos esses desafios tecnológicos constatou-se aquilo que Carvalho (2007) aponta ao sublinhar que o uso das tecnologias digitais nos ambientes escolares deve ser visto como uma oportunidade para que os professores possam tornar suas aulas mais interessantes para os alunos e assim conseguir ensinar de maneira mais prazerosa e lúdica. Essa medida, contudo, em se tratando da realidade do município de Codó, precisou de aprimoramento e de capacitações realizadas ao longo do ano. Ademais, precisamos ressaltar que os desafios vividos pelo projeto nas escolas são também reflexos de uma sociedade desigual, cuja pandemia desnudou a histórica situação em que se encontram os filhos das camadas populares, os quais estão submetidos à exclusão social, econômica e cultural imposta pela classe dominante, que não permite que as crianças empobrecidas tenham um dos direitos fundamentais que é a Educação durante a pandemia.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Ensino Remoto.

INTRODUÇÃO

A pesquisa emerge da interpretação dos resultados das atividades do subprojeto “LETRAR: letras e números” do Programa Residência Pedagógica da CAPES, realizado em duas escolas públicas do município de Codó/MA. A criação do projeto LETRAR levou em consideração três fatores importantes em Codó: a experiência dos cursos de licenciaturas da Universidade Federal do Maranhão – Campus Codó; o interesse da Prefeitura Municipal através da SEMED em realizar um trabalho diferenciado em um dos bairros periférico da cidade e, principalmente, os baixos índices obtidos pelos alunos do Ensino Fundamental nas avaliações externas.

Em relação aos dados educacionais, Codó se encontra abaixo da média nacional em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), aferido a partir da Prova Brasil e do Censo Escolar, com média de 4,9 para os anos iniciais e 3,9 para os anos finais do

ensino fundamental. No Brasil as notas são 5,7 e 4,6 respectivamente, tendo o país alcançado o objetivo dos anos iniciais de 5,5, porém não atingindo a meta dos anos finais de 5,0.

A primeira experiência do projeto “LETRAR: letras e números”, ocorreu no ano de 2015 em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, envolvendo nove escolas do bairro Codó Novo e 468 alunos do 5º ano. Naquele ano foram diagnosticados 83 estudantes não alfabetizados nas escolas escopo do projeto. Em 2016 o Projeto LETRAR desenvolveu suas atividades em seis escolas do referido bairro, atendendo 544 alunos do 4º ano. No primeiro diagnóstico realizado em 2016 foram encontrados 175 estudantes do quarto ano que ainda não sabiam ler e escrever. Em 2017 a parceria com a Secretaria Municipal de Educação já havia terminado e o projeto funcionou apenas na escola municipal Rosalina Zaidan com uma bolsista cedida pelo Foco Acadêmico da UFMA. No ano seguinte o projeto foi contemplado pelo edital da Capes, através do Programa Residência Pedagógica, atingindo três escolas municipais de Codó: Escola São Luís, Escola Rosalina Zaidan e Escola Rosângela Moura.

Com o início da pandemia do Novo Coronavírus, em 2020, o projeto enfrentou o desafio de adaptar suas atividades ao formato remoto atendendo a Escola Municipal José Alves Torres e a Unidade Escolar Pica Pau. O objetivo do projeto, no entanto, não foi alterado, que é desenvolver competências da leitura e da escrita na perspectiva de alfabetizar letrando através de jogos, brincadeiras e a literatura infantil. Partindo dessa perspectiva, a pesquisa se fundamentou na concepção de Magda Soares de se trabalhar a leitura e escrita a partir dos seus usos sociais, noutros termos isso significa dizer alfabetizar letrando.

METODOLOGIA

A investigação se pautou na abordagem qualitativa ao se preocupar com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014). A metodologia aplicada foi organizada em momentos distintos: a) estudo bibliográfico sobre os temas que envolvem alfabetização e letramento; b) acompanhamento das atividades realizadas pelos residentes; c) verificação das estratégias utilizadas para se alfabetizar letrando a partir do lúdico. Essa experiência contou com a participação de dezesseis bolsistas e quatro voluntários que atendiam individualmente, duas vezes por semana, no formato remoto, crianças não alfabetizadas do quarto e quinto ano das escolas participantes do programa.

A Unidade Escolar Pica Pau possui 216 alunos atendidos nos três turnos, são quatro salas pela manhã (1º ao 3º anos), quatro salas a tarde (4º e 5º anos) e uma turma de Educação de

Jovens Adultos e Idosos a noite. O funcionamento das atividades escolares durante o ano de 2021 aconteceu de forma remota com duas ações principais: entregas de atividades impressas terça e quarta, e interações online segunda e quarta através do grupo WhatsApp e plataformas digitais. A escola municipal José Alves Torres possui 296 alunos divididos em seis turmas pela manhã (1º ao 3º anos), e cinco turmas a tarde (4º e 5º anos). Em 2021, considerando a realidade da comunidade, as atividades escolares aconteceram a partir da entrega mensal de atividades impressas. Vale ressaltar que de segunda a quinta os professores/as se revezavam para manter um plantão na escola e na sexta-feira o gestor e/ou sua equipe permaneciam na escola.

A paralisação das atividades presenciais nas escolas em razão da pandemia da COVID-19 fez com que as atividades do subprojeto LETRAR fossem adaptadas para o ensino remoto. Segundo Souza (2021) o cenário atual da pandemia, fez com que a Educação tomasse novos rumos junto com toda a comunidade escolar. Com isso, o uso das tecnologias se tornou um aliado e ao mesmo tempo um desafio para a escola, pois ao mesmo tempo que possibilitou a continuidade das atividades escolares através do contato dos professores com seus alunos através de diversos recursos tecnológicos, escancarou a exclusão social que muitos alunos das camadas populares vivenciam ao longo de sua trajetória escolar e que durante a pandemia tiveram o acesso à educação negado.

Nesse contexto o projeto LETRAR reorganiza suas atividades, como já mencionado. A primeira ação foi a formação dos residentes, 16 bolsistas e 4 voluntários. Em seguida veio a formação “Desafios e possibilidades de alfabetizar letrando” que aconteceu durante o período de 18 de fevereiro a 25 de março. As palestras aconteceram pela manhã durante dois dias de semana, totalizando-se em 11 encontros realizados através da plataforma Google Meet. Os convidados foram professores da UFMA e da UFMG, professores da educação básica com experiência no processo de alfabetização, além da participação da psicóloga da UFMA, Campus de Codó.

As temáticas foram: Características da alfabetização e o trabalho com jogos; Literatura infantil, gêneros textuais e o letramento; Práticas pedagógicas no PIBID/FaE/UFMG: alfabetização e letramento em foco; Protagonismo na alfabetização; Letramento digital em tempos de pandemia: mídias, jogos e outras possibilidades; Aspectos linguísticos da alfabetização: a variação linguística e a fonética e fonologia no português; Visão geral dos transtornos e dificuldades de aprendizagem; O uso de jogos pedagógicos na educação especial: contribuindo para novas aprendizagens; Experiência de uma prática escolar inclusiva; As contribuições das tecnologias para o ensino remoto; e, Alfabetização no ensino remoto.

Enquanto a formação acontecia os preceptores (professores das escolas campo) ficaram responsáveis por organizar uma lista de alunos de 4º e 5º anos das escolas que ainda apresentavam dificuldades no processo de ensino e aprendizagem e poderiam participar das atividades do subprojeto remotamente. Neste momento, foi colocado em questão a dificuldade das famílias em manter os seus filhos nas atividades remotas tendo em vista a falta de acesso à internet e também à dificuldade de horário disponível, tendo em vista a utilização de um único aparelho celular para ser compartilhado por todos os membros da família.

Uma outra demanda de formação que surgiu foi em relação ao trabalho mais sistemático de elaboração de vídeos e uso das tecnologias digitais em relação ao ensino remoto. Sendo assim, foi organizado em junho de 2021 uma formação com dois momentos distintos: na primeira quinzena do mês, sete residentes formações, que tinham maior familiaridade com as tecnologias, apresentaram os aplicativos, sites, plataformas que utilizavam para elaborar seus vídeos/aulas, e no segundo momento, os outros colegas apresentariam edições de vídeos aulas a partir daquilo que foi aprendido.

Fora as duas capacitações organizadas pela coordenadora do subprojeto, os residentes foram convocados a partir de outras formações: Ciclo de formação docente em educação especial organizado pelo coordenador do Programa Institucional de Iniciação a Docência – PIBID, que aconteceu em maio e outubro de 2021 e sobre o Letramento matemático escolar e o Documento Curricular do Território Maranhense organizado pelo coordenador do Programa Residência de Pedagógica do curso de Pedagogia do Campus de Imperatriz.

Vale ressaltar que durante os encontros semanais de estudo e planejamento, que aconteciam às quintas-feiras pela manhã, os residentes tiveram a oportunidade de elaborar e apresentar atividades de leitura/escrita e contações de história usando as tecnologias digitais. O trabalho com os conteúdos era feito através do uso de jogos lúdicos e brincadeiras proporcionando maior interesse dos estudantes. Além disso, se pretendia realizar o incentivo à leitura literária através da contação de histórias de modo a envolver o educando na temática

Em relação aos atendimentos às crianças das escolas, os residentes foram organizados para atender individualmente os alunos indicados pelos preceptores, sendo contemplados 10 crianças de cada escola. A maioria dos atendimentos aconteciam pela manhã, duas vezes por semana, em torno de uma hora e meia cada encontro. Dependendo da disponibilidade da família das crianças, os residentes tinham autonomia de reorganizar os seus horários. Considerando a dificuldade em realizar atividades síncronas com alguns alunos, foi necessário incluir a possibilidade de criar vídeos para serem enviados. Vale ressaltar que os residentes também

tinham encontros com os preceptores no intuito de fazer o acompanhamento das atividades realizadas com as crianças das escolas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa se pautou na leitura e na escrita como elementos de uma prática social, cujo contexto em que elas se realizam deve ser analisado e compreendido nas suas diversas variações nos diferentes espaços, eventos e práticas de letramento (CASTANHEIRA, 2004). Noutros termos, trabalhamos no sentido de valorizar os conhecimentos prévios dos alunos e utilizá-los como ferramenta no espaço escola ao considerar que todo discente sempre possuirá conhecimentos anteriores à escola, como confirmado por Freire (1986) ao afirmar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Nesta perspectiva, o trabalho se pautou na perspectiva de Soares de alfabetizar letrando, ou seja, os alunos precisam aprender a leitura e a escrita a partir do seu uso social. Apesar de serem termos distintos, alfabetização como aquisição do sistema convencional de escrita, focaliza, basicamente, a conversão da cadeia sonora da fala em escrita; e, letramento como o estado ou condição de quem se apropriou da leitura e escrita fazendo o uso das mesmas no seu cotidiano, são termos complementares e indissociáveis (SOARES, 2006).

Para Soares (2006) não basta apenas saber ler e escrever, é necessário entender suas finalidades e saber utilizá-las socialmente, interpretá-las de maneira que possam se posicionar criticamente diante delas. Segundo a autora, a possibilidade de leitura e o acesso à leitura são condições necessárias para uma plena democracia cultural, sendo essa democracia entendida como uma distribuição equitativa de bens simbólicos (SOARES, 2004).

Partindo da premissa da leitura como um direito ainda negado a muitas crianças, jovens e adultos do nosso país, a realidade do município de Codó não se distancia. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a cidade supera os índices de analfabetismo da média nacional em mais 30% para pessoas com mais de 15 anos.

Neste contexto, agravado pela pandemia do Novo Coronavírus, o projeto se propôs a trabalhar com a leitura e a escritas com os alunos do 4º e 5º anos ainda não alfabetizados a partir de atividades lúdicas. O intuito foi tornar mais atrativo o processo de alfabetização a partir de jogos, das brincadeiras e da literatura infantil. Segundo Kishimoto (1997) a brincadeira/jogo é instrumento de grande importância para aprendizagem, pois a criança aprende de maneira espontânea.



Segundo Kishimoto (2003), o brincar possibilita a criança a construção de um universo próprio, passível de sua manipulação, vivenciando em sua realidade as situações existentes em seu imaginário. Dessa forma, os jogos podem ser vistos como instrumentos de desenvolvimento de aspectos como motricidade, criatividade, inteligência, entre outros que são fundamentais para a vida da criança, seja dentro ou fora do contexto escolar (KISHIMOTO, 2003).

Neste mesmo raciocínio, compreende-se que a literatura infantil é fundamental para a educação das crianças, tendo em vista que ela estimula a leitura através do atrativo e do belo, promovendo mudanças de comportamento, ao mesmo tempo que mexe com as fantasias, emoções e intelecto, influencia em todos os aspectos da educação do aluno (COELHO, 1986).

Silva (2003) destaca que a leitura faz parte de um processo contínuo que muda a vida do indivíduo, pois dominar a leitura torna-se um elemento importante para se libertar do discurso da classe dominante, sendo um forte aliado contra o processo de alienação. Sendo assim, o incentivo a leitura durante todas as reuniões com as crianças teve como o intuito a formação de leitores pautada numa educação libertadora.

Paulo Freire (2003) considera que a proposta de uma educação para a liberdade não significa transmitir ideias como verdadeiras ou melhores. Para o autor, o ensino e aprendizagem são dialógicos por natureza. O resultado dessa ação dialógica depende da percepção de cada um como cognoscente, atitude essa que Freire chama de conscientização.

Nesse sentido, o subprojeto LETRAR vem trabalhando na perspectiva de trabalhar a leitura e a escrita através do incentivo à leitura e de atividades lúdicas que tenham como parâmetro o alfabetizar letrando. No contexto de pandemia, as atividades só foram possíveis de serem realizadas a partir do uso das tecnologias digitais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do contexto de distanciamento social, vários obstáculos foram apresentados à equipe, a começar pela seleção dos alunos que participariam das atividades remotas do projeto, pois a maior parte dos alunos das escolas participantes não possuíam internet e compartilhavam um único celular para todos os membros da família.

No intuito de conhecer os desafios vivenciados pelos residentes durante o acompanhamento das atividades do projeto foi elaborado um formulário online com perguntas abertas e fechadas que foi disponibilizado no grupo WhatsApp. Do total de 20 residentes, uma voluntária não respondeu o questionário tendo em vista que foi desligada do projeto.

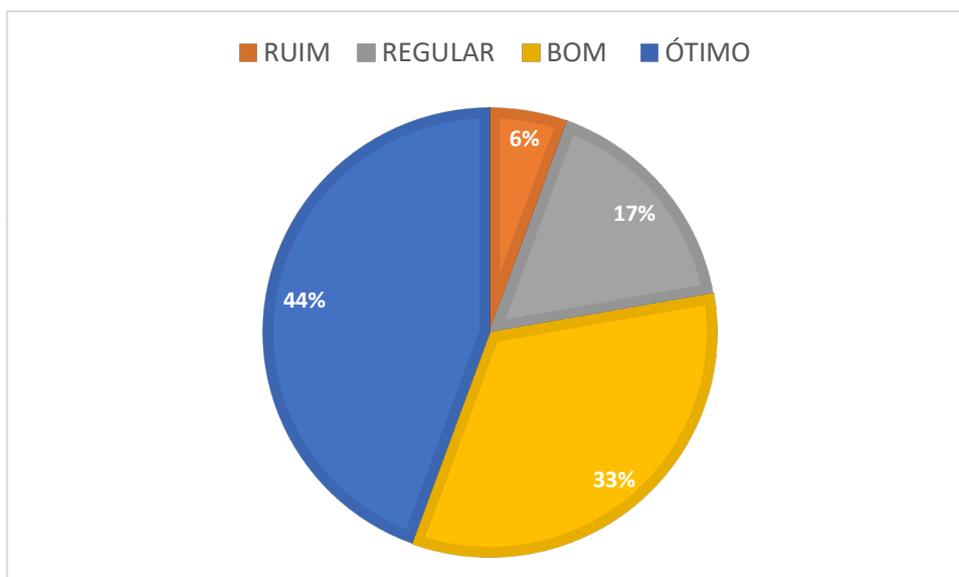
Passado um mês de atendimento, foi observado que apenas seis residentes conseguiram fazer o acompanhamento regular das crianças, sendo necessário utilizar a estratégia de elaboração de vídeo-aulas para realizar atividades com os estudantes que estavam tendo problemas para participar das aulas síncronas. Ampliando as possibilidades de comunicação com os alunos, as principais atividades desenvolvidas pelos bolsistas foram: Google Meet (58%), Vídeo/aulas (47%), WhatsApp (16%) e Entrega de atividades (15%). Cabe ressaltar que os residentes puderam marcar mais de uma opção para responder as perguntas do questionário.

Outro desafio pontuado pelos residentes foi saber se os alunos estavam gostando/aprendendo com as atividades. Segundo um relato de um residente “apesar da mãe responder que a criança está gostando dos vídeos e conseguindo realizar as atividades e desafios, no entanto não envia a foto com respostas e devido a isso fica difícil acompanhar se a forma como estou fazendo o vídeo está ajudando no processo de alfabetização”. O retorno das atividades propostas foi considerado um desafio para equipe, apesar de apenas um residente indicar não ter nenhum retorno das atividades realizadas com o aluno. A maioria dos retornos eram feitos pelas próprias crianças (53%), pela família (47%) e pelos preceptores (21%).

Apesar dos desafios, o projeto tem possibilitado aos participantes adquirirem novas habilidades, ou adaptarem as que já possuíam, ao precisarem fazer uso da tecnologia no planejamento das aulas. Os aplicativos/recursos mais utilizados foram Kinemaster, In shot, Play Games, Power-Point, Active presente, Word Wall, Jamboard dentre outras. As principais atividades foram caça-palavras, cruzadinhas, adivinhas, *quiz*, parlenda, jogos de trilhas e as contações de histórias.

Vencidos esses desafios tecnológicos constatou-se aquilo que Carvalho (2007) aponta ao sublinhar que o uso das tecnologias digitais nos ambientes escolares deve ser visto como uma oportunidade para que os professores possam tornar suas aulas mais interessantes para os alunos e assim conseguir ensinar de maneira mais prazerosa e lúdica. Essa medida, contudo, em se tratando da realidade do município de Codó, precisou de aprimoramento e de capacitações realizadas ao longo do ano.

Apesar dos desafios indicados, o subprojeto Letrar tem sido considerado pelos residentes positivamente, como se observa no gráfico abaixo, 77% dos bolsistas e voluntários consideram satisfatórias as atividades do projeto no que se refere às atividades realizadas com as crianças das escolas (44% ótimo e 33% bom). Durante as reuniões, os dois preceptores informaram ser perceptível o desenvolvimento das crianças que participam das atividades.



Ao longo do ano de 2021, principalmente, durante o segundo semestre podemos verificar que o projeto conseguiu atingir seus objetivos ao analisar alguns comentários de antes e depois do acompanhamento das crianças. As mensagens foram feitas em áudios e transcritas aqui, a mãe de Naruto (nome fictício) disse: “Eu fico muito feliz do meu filho participar do programa. Ele não sabe ler muito e escreve pouca coisa. Por isso professora eu peço um pouco de paciência com ele, eu vejo que meu filho quer aprender muito e sei que você vai ajudar ele”. Ao final de agosto, a residente recebeu o seguinte áudio da criança “Estou gostando muito tia, porque a senhora não seja minha professora para sempre, eu gostei! A senhora sabe muito ensinar mesmo. A senhora é muito, muito mesmo inteligente”. E ao final do ano, o aluno conseguiu redigir uma carta “Codó, 07 de dezembro de 2021. Meu nome é Narudo tenho 9 anos de idade. Meu sonho para esse natal é ganhar um carro que eu não tenho, esse é o meu sonho”. Por fim, um relato da mãe “Professora obrigada pela paciência com meu filho, eu fico feliz em saber do carinho que a senhora tem por ele e por ensinar ele. A senhora não passa atividade de escrever que nem as professoras da escola dele, a senhora manda os vídeos bem explicadinho e ele entende e faz. A senhora manda os jogos que ele gosta muito e ele já lê professora, lê as palavras e o alfabeto todinho. Obrigado professora, que deus abençoe sempre a senhora”

Relatos como estes nos indicam que o subprojeto está atingindo os seus objetivos e que um trabalho comprometido com a educação tem bons resultados. Apesar do distanciamento social, as tecnologias digitais possibilitaram a continuidade das atividades escolares sendo considerado um aliado à educação. Nesse sentido ao se pensar em uma educação que visa a formação cidadã tem que se trabalhar dentro do espaço escolar a inserção das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. No entanto, a realidade é difícil em virtude de alguns professores não possuírem capacitação para fazer o uso delas, poucas escolas públicas possuem

equipamento para realizar atividades para aprendizagem usando essas novas tecnologias e as famílias das crianças da camada popular têm acesso limitado ou não tem internet, assim como um único aparelho celular sendo compartilhado por vários membros da família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto LETRAR é uma experiência que provoca inquietações tendo em vista o momento que estamos vivendo em que as escolas precisaram se adaptar em relação ao ensino remoto e aos inúmeros desafios em garantir à todas as crianças o aprendizado da leitura e escrita ao longo dos primeiros anos do ensino fundamental.

Ademais, precisamos ressaltar que os desafios vividos pelo projeto nas escolas são reflexos de uma sociedade desigual, cuja pandemia desnudou a histórica situação em que se encontram os filhos das camadas populares, os quais estão submetidos à exclusão social, econômica e cultural imposta pela classe dominante, que permite que as crianças empobrecidas tenham um dos direitos fundamentais negado, a Educação.

É nesse contexto de mudanças que se estabelece para escola um papel essencial na transformação da vida dos cidadãos, dada a sua função social, política e pedagógica na vida das pessoas. Será essa instituição aquela que precisará acolher a todos sem distinção cor, raça, credo ou condição econômica, permitindo os mesmos direitos e oportunidades para a construção e ampliação dos conhecimentos dos estudantes, levando em conta, ainda, a subjetividade, o contexto e o conhecimento prévio de todos. Para isso, a escola precisa ser um local privilegiado para discutir as estruturas de poder vigentes e as bases que sustentam as desigualdades sociais no país.

Para exercitar esse aprendizado, a escola deveria tomar por base a própria realidade vivida pelos alunos em seus estados e municípios. Em tese, a escola deveria ser o espaço onde se aprende se pratica os princípios da equidade e da inclusão.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rosiani. As tecnologias no cotidiano escolar: possibilidades de articular o trabalho pedagógico aos recursos tecnológicos. Paraná, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura e linguagem. 4. ed. São Paulo: Quíron, 1986.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia. **Aprendizagem contextualizada**: discurso e inclusão na sala de aula. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 12. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**: 8. Ed. Campinas: Papyrus, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Elisandra Aparecida de *et al.* AS DIFICULDADES ENFRENTADAS NO ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO EM PERÍODO DE PANDEMIA. **Anais da Noite Acadêmica do Centro Universitário UNIFACIG**, v. 1, n. 1, 2021.